

Makarenko e Pistrak: Uma Análise da Pedagogia Social do Trabalho

Hardalla Santos do Valle¹ & Eduardo Arriada²

Resumo

O presente artigo procura investigar alguns aspectos similares da pedagogia social, voltada para a Educação do Trabalho, de Anton Semiónovitch Makarenko e Moisey Mikhaylovich Pistrak. O primeiro atuando na Colônia Gorki, em Poltava e Khárkov (Ucrânia) e o segundo na Escola Lepechinski, em Moscou (Rússia). Nesse sentido, apresentamos as seguintes inquietudes como norteadoras desse trabalho: Como funcionava a educação para o trabalho de cada um desses educadores? Que fatores instigaram essas posturas pedagógicas? Que reflexões nos possibilitam tais experiências? Elementos que serão observados no decorrer desse trabalho. O meio escolhido de nos aproximarmos dessas respostas foram a metodologia da pesquisa bibliográfica, bem como, a análise de conteúdo.

Palavras-chave: Pedagogia social do trabalho; Makarenko; Pistrak.

Introdução

O presente artigo procura investigar alguns aspectos similares da pedagogia social, voltada para a Educação do Trabalho, de Anton Semiónovitch Makarenko e Moisey Mikhaylovich Pistrak. O primeiro atuando na Colônia Gorki, em Poltava e Khárkov (Ucrânia) e o segundo na Escola Lepechinski, em Moscou (Rússia).

É preciso primeiramente lembrar que as experiências dos dois atores sociais em questão retratam o momento histórico de construção da União Soviética, na primeira

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas (PPGE-UFPEL). Bolsista-CAPES. Graduada em História Bacharelado pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Graduada em História Licenciatura pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG) – hardalladovalle@gmail.com

² Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas (PPGE-UFPEL). Doutor em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Mestre em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Graduado em História e Estudos Sociais pela Universidade Católica de Pelotas (UCPEL). Graduado em Direito pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL).

década após a Revolução de Outubro. Com efeito, tanto na educação escolar de Pistrak como na educação não-formal de Makarenko, as relações entre trabalho e educação se estabeleceram de maneira muito clara como atividade constitutiva da condição humana que o contexto demandava. Assim sendo, é possível perceber nos modelos adotados por esses dois educadores uma pedagogia crítico-social altamente ligada à realidade dos educandos, que almejava a formação de sujeitos autônomos, criativos, e integrados a uma sociedade que valoriza o trabalho coletivo.

Nesse sentido, apresentamos as seguintes inquietudes como norteadoras desse trabalho: como funcionava a educação para o trabalho de cada um desses educadores? Que fatores instigaram essas posturas pedagógicas? Que reflexões nos possibilitam tais experiências? O meio escolhido de nos aproximarmos dessas respostas foi a metodologia da pesquisa bibliográfica, que auxilia na escolha de um método apropriado, assim como no conhecimento das variáveis e autenticidade da pesquisa (Lima, 2007). Assim como, a análise documental, que busca o sentido, ou os sentidos, de um documento escrito (Cellard, 2008). Assim sendo, será apresentada primeiramente a prática pedagógica de Makarenko. Logo após discorreremos sobre alguns aspectos da educação constituída por Pistrak. Por último, serão discutidos os pontos comuns, dentro da prática da pedagogia do trabalho. Dessa forma, sendo o intuito contribuir para uma reflexão acerca dos valores da educação contemporânea e das características democráticas como fundamentos para a gestão educacional.

Makarenko

Anton Semionovich Makarenko nasceu em 1888 na Ucrânia, filho de um operário ferroviário e de uma dona de casa. No ano de 1905, recebeu seu primeiro diploma de educador e foi admitido como professor da Escola Ferroviária, na mesma empresa em que trabalhava seu pai. Logo, Makarenko iniciou os estudos superiores no Instituto Pedagógico de Poltava. Por conseguinte, foi convidado para dirigir como docente a primeira colônia experimental educacional para menores infratores, onde desenvolveu trabalho com meninos e meninas considerados criminosos, socialmente desajustados. Ao retomar um pouco da vida deste pedagogo, cabe lembrar que ele nunca esteve envolvido com a causa socialista como militante político, sua batalha era travada no campo da educação, tendo como armas as orientações políticas de Marx e Lênin. Essas orientações políticas, e o contato com a literatura socialista, também vieram através do escritor Maksim Gorki, que trazia para a literatura a perspectiva da nova classe social em ascensão, o proletariado (Pavão, Queirós, & Souza, 2012, p. 2).

A partir da vivência nas colônias Gorki e Dzerjinsk, Makarenko elaborou novos princípios de educação, rejeitando a fórmula tradicional que era reduzida a somente duas pessoas: o professor detentor do saber, e o aluno, que nada sabia. Chegou à conclusão que o trabalho deve ser realizado coletivamente por pedagogos e aprendizes, além de dirigido por alguém dotado de autoridade.

Em sua trilogia “Poema Pedagógico”, este pedagogo realiza reflexões a partir do trabalho realizado nas colônias. Em seus escritos comenta acerca das condições precárias destes lugares e como desenvolveu a educação dos seus primeiros educandos, frutos de uma guerra. Estes possuíam horários reservados para o estudo e o trabalho, além das atividades físicas. Vale ressaltar, que os educandos organizavam-se em “destacamentos”, ou seja, grupos formados para a realização de determinadas tarefas.

Na concepção pedagógica de Makarenko o trabalho era enfocado como agente humanizador:

Quem sabe, a diferença principal entre o nosso sistema educacional e o sistema burguês repousa justamente no fato de que, conosco, o coletivo infantil deve necessariamente crescer e enriquecer, vislumbrar a sua frente um amanhã melhor e lutar por ele com jubiloso esforço comum, num sonho alegre e obstinado. Quem sabe é nisso que se resume a verdadeira dialética pedagógica. (Makarenko, 1931/1986, p. 154)

O trabalho estaria presente como algo construtivo não só na vida do indivíduo, mas seus reflexos deveriam ser sentidos também em toda a sociedade, visto que a educação socialista dotaria o jovem de condições, capacidades, intelectuais, morais e técnicas, além de autonomia, para participar da reconstrução de seu país, elementos estes ausentes na época dos tsares.

Cumprir mencionar que tal questão é crucial dentro da concepção educativa de Anton Makarenko, visto que a própria pedagogia socialista, em teoria, veio para suprir a falha apresentada pela anterior, pedagogia tsarista, calcada em um modelo russeuniano, individualista e estimulador da competitividade entre os indivíduos. Além disto, a pedagogia tsarista promovia a grave separação entre os trabalhos intelectual e manual, estimulando, por assim dizer, a diferenciação cada vez maior entre as classes sociais, ao invés de suprimi-la.

É imprescindível observarmos que Makarenko, através de seu método, não se preocupava somente com a coletividade em detrimento da formação individual dos sujeitos. Dentro da visão do pedagogo, podemos ver o entrelaçamento das vontades e aspirações dos indivíduos com as necessidades sociais que são colocadas diante deles.

Tanto em relação à disciplina, como ao trabalho, as decisões eram tomadas conjuntamente. Os educandos reuniam-se em um júri popular e debatiam acerca da melhor decisão a tomar. Em alguns casos os “infratores” deveriam realizar algum trabalho extra ou ficar junto ao escritório do diretor. Este “castigo” objetivava a demonstração do trabalho ali realizado e, indiretamente, às consequências de seu ato.

Para Makarenko, a disciplina refere-se à capacidade de escolher e realizar as atividades conforme as necessidades coletivas e, muitas vezes, em detrimento das vontades e desejos individuais. A disciplina e a obediência conscientes estão unidas na educação das crianças e adolescentes, mas como seu método propunha a formação de sujeitos autônomos, capazes de tomar decisões por si só e junto à coletividade, de tais pessoas deveria se exigir “uma disciplina muito mais complexa” (Pavão, Queirós, & Souza, 2012, p. 106).

Cabe acrescentar que, para o pedagogo soviético,

[...] a disciplina não é um efeito de certas medidas “disciplinares”, mas de todo o sistema de educação, de todas as circunstâncias da vida, de todas as influências a que estão submetidas às crianças. Neste sentido, a disciplina não é a causa, não é o método, não é o meio de uma boa educação, mas o seu resultado. (Makarenko, 1937/1977, p. 300)

Isso significa que, para Makarenko, a disciplina não paira no ar, como algo exterior à realidade social que delinea a personalidade em formação da criança e do adolescente, mas está presente em cada espaço social no qual estes jovens estão inseridos, da família à escola, passando pelo trabalho.

Nesse sentido, Makarenko (1931/1986, p. 380) coloca a disciplina como “o resultado geral de todo o trabalho educativo”. Isso quer dizer que há uma parte mais limitada deste trabalho, que se refere estritamente à formação da disciplina e que constantemente se confunde com ela, a saber, o regime. Para desfazermos qualquer confusão, o próprio Makarenko (1931/1986, p. 380) esclarece que “se a disciplina é o resultado de todo o trabalho educativo, o regime não passa de um meio, de um processo de educação. Existem entre o regime e a disciplina diferenças muito importantes que os pais devem distinguir bem”.

Nesta concepção, a participação laboriosa das crianças na vida da família deve começar muito cedo, através das brincadeiras, com os pais mostrando às crianças, por exemplo, que elas são responsáveis pelos seus brinquedos e pelo local onde se divertem. E assim, à medida que as crianças crescem, as tarefas laboriosas devem se tornar mais complexas e variadas do que as brincadeiras (Makarenko, 1931/1986, p. 395).

Outro ponto importante na pedagogia makarenkiana é o brincar, como representação da realidade objetiva. Nesse sentido, temos que a representatividade e o valor da brincadeira têm tanta importância para a infância da criança assim como a atividade, o trabalho, tem o seu valor para o adulto. Diante dessa estreita relação entre todos os aspectos da educação, Makarenko (1931/1986, p. 388) afirma que “assim como a criança é a brincar, assim será, em muitos aspectos, no trabalho, quando crescer. Por isso é que a educação de uma futura personalidade se obtém, antes de mais nada, através das brincadeiras”, do lúdico ao prático, posteriormente. Para Makarenko (1931/1986, p. 389), “o trabalho é a participação do homem na produção coletiva ou na sua direção, na produção de valores materiais, culturais, por outras palavras, sociais”. Já a brincadeira, embora não esteja na mesma escala de produção, “habitua o homem aos esforços físicos e psíquicos que são indispensáveis ao trabalho”. Portanto, no método pedagógico de Makarenko, a brincadeira tem o caráter profundo de preparar a criança para a vida coletiva e o mundo do trabalho dentro do socialismo e não distraí-la com trivialidades fúteis, que nada vão colaborar para o seu desenvolvimento cognitivo e físico.

A mesma consideração da importância do trabalho vale para os trabalhos de casa, passados pela escola para os alunos. Por isso, “as crianças devem compreender perfeitamente que com o trabalho escolar, desempenham uma função não apenas individual, mas social, e que respondem pelo seu êxito, não apenas diante dos pais, mas diante do Estado” (Makarenko, 1931/1986, p. 397).

Neste domínio, não se recomenda que haja encorajamentos ou castigos, pois “a tarefa laboriosa e a sua execução devem dar por si mesmas à criança uma satisfação tal que lhe provoque alegria” (Makarenko, 1931/1986, p. 399). Para o educador, dizer que a criança realizou um bom trabalho deve ser a melhor recompensa pelo seu esforço, assim como, pela mesma razão, esta não deve ser castigada por um mau trabalho ou um trabalho não concluído.

Também é interessante mostrarmos que a arte tem o seu papel de destaque na internalização dos valores socialistas por parte dos alunos das escolas dirigidas por Makarenko, uma vez que, como aponta Luedemann (2002, p. 80), “em seu projeto cultural, a escola levava o coletivo proletário a experimentar, pela vivência estética, pela arte, o desejo de libertação, educando-o para a luta antitsarista e anticapitalista [...]”.

Por conseguinte, podemos destacar que Makarenko acreditava que para haver, com êxito, este ato de educação para o coletivo é necessário que o educador tenha também uma formação dentro dessa perspectiva. Em outras palavras, para Makarenko, a educação de uma pessoa isolada não servia para formar o novo homem soviético; isso só aconteceria com uma educação baseada no coletivo.

Como mencionado, toda teoria dele surgiu, a partir da práxis nas comunas educativas. Na atuação nesses espaços, por diversas vezes, fora recriminado pelos delegados de Instrução Pública, acusado de fazer uma pedagogia de quartel e de não respeitar os interesses das crianças. Referente a tais acusações, o educador respondia dizendo que sua práxis representava uma pedagogia do real, ao contrário da pedagogia “das nuvens”, apregoada pelos educadores de gabinete de seu tempo. No que tange às ideias da escola nova, Makarenko foi um grande crítico de seus ideais. Para ele, o princípio segundo o qual a educação deve se organizar em torno do interesse da criança não é mais que um grande equívoco. O mais importante, sempre, é o interesse da coletividade e, não, do indivíduo. Isso porque o interesse da criança, muitas vezes, se encontra em contradição com o interesse da coletividade e o interesse coletivo implica deveres e responsabilidades sempre superiores aos desejos espontâneos da criança.

[...] não há nada, portanto, em Makarenko que possa se parecer ao culto à espontaneidade infantil. Como vimos, a defesa dessa espontaneidade se baseia, fundamentalmente, no caráter bom da natureza da criança: deixando operar a natureza, se deixa operar a bondade; mas Makarenko opina que “o homem se move segundo as leis da sociedade humana e não somente segundo as da natureza” e que, em consequência, o papel da educação consiste em educar esta natureza em função dessa sociedade; é nesse sentido que se deve interpretar sua afirmação segundo a qual “os educadores soviéticos não são os servidores da natureza, mas seus professores”. O culto ao espontaneísmo não somente menospreza o papel da educação como também é socialmente prejudicial; não restando, pois, outra alternativa que abandoná-lo. (Palacios, 1989, pp. 362-363)

A disciplina e a organização exigem uma educação da vontade. Esta é uma capacidade absolutamente necessária para o progresso da comuna e da sociedade, “não somente como desejo e sua satisfação, mas também como desejo e renúncia. Se a criança se habitua a realizar seus desejos sem nunca colocar-lhes freio, nunca terá força de vontade” (Palacios, 1989, p. 362).

Em outras palavras, para os reformistas a noção de felicidade infantil, era uma ideia fundamentalmente individualista e apoiada em certas noções tais como as de espontaneidade e liberdade. No entanto, para Makarenko, a felicidade se ligava à participação em atividades sociais e interconectava-se, em primeiro plano, ao cumprimento dos deveres e responsabilidades delas decorrentes.

É importante ressaltar que a teoria pedagógica de Makarenko está centrada fundamentalmente em dois princípios: o coletivo do trabalho e o trabalho produtivo. Esse coletivo tem sempre que ter um líder. Todas as regras devem ser discutidas e resolvidas em assembléias e uma vez assim determinadas, não poderiam deixar

de serem cumpridas por nenhum membro da comunidade. O trabalho produtivo nasce na consciência, própria do coletivo, de estar inserido no desenvolvimento da sociedade, da qual deve participar ativamente, fazendo suas, também as conquistas efetuadas no plano econômico (Cambi, 1999, p. 561).

Na Colônia e na Comuna, as funções do exercício de comandar e de ser comandado alternavam-se, pois o jovem russo deveria aprender a ser subordinado perante o outro, como também a liderar o seu coletivo. Com isso, ele desejava “formar nos homens soviéticos qualidades estéticas, éticas e políticas, deixando de lado o método individual, que só formava indivíduos” (Rodríguez, 2002, p. 6).

Paralelamente, Makarenko tinha a convicção de que o sucesso da educação dependia da capacidade do sujeito de se autocorrigir. Ele educava com base no trabalho produtivo e não lúdico com o objetivo de formar trabalhadores conscientes e homens de ação.

Nessa perspectiva, os jovens eram preparados para qualquer tipo de ação por meio de ginástica militar, jogos bélicos, desfiles, exercícios táticos, por intermédio da disciplina, acostumando-os a cumprir suas obrigações e exigir-lhes grandes responsabilidades. A combatividade do homem comunista tinha sua própria ética: toda ação em prol da sociedade e, não, do indivíduo isolado poderia ser legitimada. Segundo Makarenko, o ideal da educação marxista era educar o homem para o combate e para a sociedade, isto é, para combater pelo bem comum.

Assim sendo, os alunos da Colônia Gorki e da Comuna Dzerjinski viviam em função da coletividade. O trabalho para Makarenko não tinha somente um valor econômico, mas era parte importante na formação do homem. Em outras palavras, através do trabalho, o homem-indivíduo se transformava no homem-comunista.

Pistrak

Nessa parte do trabalho vamos discorrer a respeito dos frutos pedagógicos provindos da experiência de Pistrak na Escola Lepechinski, entre 1918 e 1924, e do contato com outras escolas primárias e instituições infantis de sua época.

Pistrak é considerado um seguidor das ideias políticas e pedagógicas de Nadezhda Krupskaya, companheira de Vladimir Lenin, e junto como ele uma das grandes lideranças do processo revolucionário de 1917. Krupskaya foi uma das primeiras pedagogas marxistas e participou ativamente do que seria um sistema público de educação, vinculado ao projeto de uma sociedade socialista (Caldart, 2000, p. 8). Em primeiro lugar, é essencial destacar que a base das ideias que aqui serão expostas está alicerçada principalmente em sua obra “Fundamentos da escola

do trabalho” que o próprio autor define como “a expressão da doutrina de pedagogia social que desenvolveu, e provou sua validade, através do trabalho prático e dos problemas que ele colocou a cada momento para a escola” (Pistrak, 1924/2000, p. 17).

Na concepção de Pistrak, a escola sempre foi uma arma nas mãos das classes dirigentes, e estas, não tinham nenhum interesse em revelar o caráter de classe da escola. Nesse sentido, ele entende que:

[...] as classes dirigentes não passavam de uma minoria, uma pequena minoria, subordinando a maioria a seus interesses, e é por isso que se esforçavam para mascarar a natureza de classe da escola, evitando colaborar na destruição de sua própria dominação. (Pistrak, 1924/2000, p. 30)

Para este pedagogo, a escola sempre esteve a serviço das necessidades de um regime social determinado, que aprovava e instigava a manutenção de um sistema classista. Logo, uma das formas de efetivar a transformação deste panorama, seria a prática de uma educação capaz de mostrar aos alunos o contexto no qual estavam inseridos, estimulando cotidianamente a consciência social e política destes, bem como, a ânsia por mudanças.

Este autor enfatiza a necessidade de que as novas gerações compreendam qual é a natureza da luta travada pela humanidade que vive na sociedade capitalista, qual é o espaço ocupado pela classe explorada nesta luta; e conseqüentemente qual é o espaço que deve ser ocupado por cada adolescente na luta pela destruição das formas inúteis e na substituição por um novo sistema edificante (Pistrak, 1924/2000, p. 31).

Pistrak demonstrou por meio de seu trabalho pedagógico que a questão educacional principal não está no método educativo ou na escolha dos conteúdos a serem trabalhados, mas, sim, que reside na clara definição dos fins a que se pretende chegar através da educação. Ou seja, métodos e conteúdos certamente são importantes, mas só terão sentido se subordinados a fins claros e objetivos.

Neste sentido, a nova instituição escolar seria inviável, segundo Pistrak, sem o desenvolvimento da criatividade pedagógica de seus professores. Mais que educadores por ofício, os professores deveriam estar mergulhados no espírito revolucionário, transformando-se assim em verdadeiros militantes. Contudo, para que isto fosse possível, estes profissionais deveriam ser estimulados e preparados para dominar as teorias pedagógicas que permitem refletir sobre a prática, bem como, ter liberdade de ação, para construir e reconstruir práticas e métodos de educação.

Vale ressaltar que Caldart (2000, p. 15) destaca que Pistrak foi um exemplo do modelo de docente que defendia. Como educador buscou qualificar sua prática

através do estudo rigoroso da dialética marxista, e também das diversas teorias pedagógicas de sua época. Com efeito, acabou construindo não apenas uma nova prática, mas também elementos de uma nova teoria pedagógica, de inspiração socialista e marxista.

Por conseguinte, é interessante lembrar que este autor preocupou-se, acima de tudo, em formular uma teoria pedagógica coerente com os objetivos centrais da Revolução. Isso porque, para Pistrak, as crianças e os jovens tinham um lugar destacado na construção da nova sociedade soviética. Com esse foco, considerava que os alunos precisavam ser educados, ao mesmo tempo, com muita firmeza ideológica e política, nos princípios e valores da revolução, bem como, com muita autonomia e criatividade para ajudar a recriar as práticas e as organizações sociais (Caldart, 2000, p. 10).

A maneira criada por Pistrak para desenvolver um ensino coerente com o método dialético de interpretação da realidade, se chamou sistema dos complexos (Caldart, 2000, p. 14). O sistema dos complexos era para Pistrak mais do que um método de ensino, era uma tentativa de organizar o programa da escola pensando a dimensão de estudo intimamente ligada ao trabalho técnico, a auto-organização dos educandos e ao trabalho social da escola. Trata-se de organizar o ensino através de temas socialmente significativos, e por meio deles estudar a dinâmica e as relações existentes entre aspectos diferentes de uma mesma realidade, educando assim os estudantes para uma interpretação dialética da realidade atual. A intenção era que à medida que os alunos conseguissem estabelecer vínculos entre as várias dimensões da vida escolar, estes poderiam ter seus estudos desdobrados em ações, e estas ações produziram, conseqüentemente, a necessidade de novos estudos.

Na obra "Fundamentos da escola do trabalho", Pistrak faz o detalhamento didático de todo este sistema, enfatizando a ideia que é possível, e imprescindível, construir uma educação que substitua o ensino livresco e conteudista, por um ensino vivamente preocupado com o estudo da realidade e sua transformação.

A certeza de que seria possível formar cidadãos comprometidos com o coletivo a partir da educação, levou Pistrak a organizar uma didática que extrapolava a sala de aulas e transformava toda a escola em espaço educativo. Na Escola do Trabalho de Pistrak, as crianças se responsabilizavam por atividades úteis, que iam da manutenção da higiene e limpeza escolar à gestão participativa da instituição, por meio de assembléias dos estudantes e da auto-organização dos educandos.

Pistrak defendia que esta era uma grande transformação histórica a ser feita na escola: a participação autônoma, coletiva, ativa e criativa das crianças e dos jovens, de acordo com as condições de desenvolvimento de cada idade, nos processos de estudo, de trabalho e de gestão escolar. Por auto-organização Pistrak entendia a constituição de coletivos infantis ou juvenis a partir da necessidade de realizar determinadas ações práticas, que podem começar com a preocupação efetiva no Conselho Escolar, ajudando a elaborar planos de vida da escola. Ou seja, a auto-organização das crianças não deve ser vista como um jogo, mas sim como uma necessidade, uma ocupação séria de quem está encarregado de responsabilidades, sentidas e compreendidas. O grande objetivo pedagógico desta cooperação infantil consciente era efetivamente educar para a participação social igualmente consciente e ativa. (Caldart, 2000, p. 13)

Pistrak sugeria que, nas atividades desenvolvidas no ambiente escolar, todos assumissem sucessivamente todos os tipos de tarefas que ali se desenvolviam, tanto aquelas com características das funções dos líderes, dirigentes, como aquelas destinadas aos trabalhos dos subordinados. O educador compreendia que para tornar o coletivo possível, era imprescindível que a auto-organização fosse aceita e assumida sem restrições. É importante mencionar que o coletivo escolar baseado na auto-organização dos alunos representava a autoridade máxima na escola. Assim sendo, na Escola do Trabalho de Pistrak todas as decisões deveriam passar pela Assembléia Geral das Crianças, a base principal desse coletivo escolar.

Além disso, as crianças também deveriam realizar outros trabalhos úteis na vida social, como, por exemplo, cuidar dos jardins, preservar as belezas naturais, organizar campos de jogos e práticas esportivas, enfim, exercer funções que possibilitassem a associação das iniciativas da escola às de outros órgãos administrativos da gestão escolar.

No que tange à escola do campo, Pistrak, assim como Marx (1867/1983), enfatiza a relação entre campo e cidade, ressaltando o valor de sua relação com o centro. Para o educador, toda escola de ensino básico deveria possuir um espaço no campo com área entre meio e um hectare, como forma de divulgação da influência da cidade. Nas escolas rurais, as atividades pedagógicas deveriam considerar o ritmo do trabalho do campo e as estações do ano, sendo o trabalho agrícola na escola considerado como um problema didático, capaz de contribuir para que o estudante compreendesse a aliança operário-camponesa, realidade impregnada na atualidade de seus escritos.

É necessário mencionar ainda que além do trabalho no campo, Pistrak valorizava também o trabalho urbano e das fábricas como um elemento importante dentro do processo educativo:

[...] Igualmente importante é a fábrica, um fenômeno da realidade atual, relacionado com o ambiente social, onde a grande produção é o resultado da união da técnica com a economia. Assim, para Pistrak, o estudo da força motriz de uma fábrica e das diferentes formas de energia levam-ao da geografia econômica à compreensão da luta inter-imperialista pelas fontes energéticas. O estudo das matérias primas, base da produção, coloca a questão da agricultura, geografia econômica e do entrelaçamento entre a tecnologia e a técnica. A máquina-ferramenta conduz a questões econômicas e técnicas, fundamentadas na física, matemática e química, e situa o papel do rendimento do trabalho. Por sua vez, situando-se o operário como ponto de partida, pode-se abordar as questões como as classes sociais, o salário, o sindicato, a ligação do operário com o camponês e com o Partido, a condição feminina e o trabalho. (Tragtenberg, 1981, p. 13)

Além da valorização da participação das crianças no trabalho rural e nas fábricas, Pistrak também defendia a ampla participação das crianças na vida social. Elas deveriam participar das assembléias gerais, clubes, cooperativas, festas revolucionárias, campanhas sociais, enfim, de todos os mecanismos socioeconômicos, como forma de aquisição do conhecimento do funcionamento da sociedade e da economia. Porém, para todas essas experiências serem devidamente aproveitadas, deveria existir preparo escolar.

Da mesma forma, também para os setores “não-produtivos” a escola deve preparar o novo homem. Como o próprio termo diz, estes seriam as formas de atividade que não produzem valores materiais. Entram na categoria dos trabalhos improdutivos: o trabalho de funcionário público do Estado ou das instituições sociais; o domínio da cooperação sob todas suas formas e o comércio; o trabalho do educador; médico e sanitário, entre outros (Pistrak, 1924/2000, p. 84).

Para esse educador, a escola do proletariado deve ser nessas funções, trincheira de luta pela edificação de um novo regime (Tragtenberg, 1981, p. 14). Em outras palavras, uma nova concepção de educação foi pensada e voltada para a formação do homem coletivo, proporcionando na concepção de Pistrak, esperança e participação social, condição considerada por ele fundamental para o avanço do socialismo.

Uma análise da pedagogia social do trabalho

A partir do que foi exposto até aqui, podemos perceber que Pistrak e Makarenko acreditaram que a criança e o jovem tinham um lugar importante na construção da nova sociedade soviética e, por isso, precisavam ser educados com a finalidade de se

transformarem em homens novos, dispostos a transformar a natureza e a sociedade por meio de um trabalho constante, útil e produtivo. Além disso, em comum, Pistrak e Makarenko defenderam e aplicaram o princípio de que educação é mais do que ensino. Ambos consideravam importante, transformar as práticas educacionais em projetos para a vida, englobando as diferentes formas de atividade social. É possível ratificar que Makarenko e Pistrak perceberam que seria necessário formar homens autônomos e criativos, que fossem capazes de contribuir para a nova elaboração das práticas sociais e para a reconstrução de suas instituições. Opostos a uma pedagogia egocêntrica, e preocupados com a formação dos sujeitos, procuraram reelaborar os conceitos educacionais, priorizando uma pedagogia social, em detrimento de uma pedagogia pessoal, individualista.

Na pedagogia social destes educadores, o coletivo é imperioso. Embora o educador possua um papel importante, de mediador, dentro desse processo educativo, a relação que se estabelece entre o docente e seus alunos é de construção conjunta do conhecimento, assim como, de busca por objetivos maiores, que beneficiem o coletivo. A relação tradicional, do educador que detém um conhecimento superior e o repassa para os seus alunos, é refutada neste modelo pedagógico.

Logo, o coletivo dos professores e o coletivo das crianças não podem ser considerados dois coletivos diferentes, mas deve ser entendido como um único e mesmo coletivo pedagógico. Além disto, nesta proposta pedagógica não se considera necessário educar uma pessoa isolada, mas educar todo um coletivo, sendo este o caminho para a educação correta (Makarenko, 1937/1977, p. 138).

Porém, para que esta nova pedagogia fosse possível, Pistrak e Makarenko consideravam indispensável que os educadores estivessem imersos nesta proposta. O educador deveria ter um perfil revolucionário, militante. Contudo, para isto, era necessário investir na formação destes profissionais, lhes possibilitando o estudo de teorias relativas à educação, política e sociedade. Assim como, dar-lhes liberdade de aplicação destas teorias, para viabilizar a construção de novos métodos e formas de efetivar a prática pedagógica cotidiana com os educandos.

Isto porque, não se pode aplicar as mesmas regras e métodos em todos os ambientes de educação, pois seria um comportamento contrário à própria essência da pedagogia social. Um bom método para uma escola, pode ser mau para outra. É preciso, portanto, desenvolver no professor, a todo custo, a aptidão para criatividade pedagógica; caso contrário, seria impossível criar uma educação diferenciada (Pistrak, 1924/2000, p. 25).

Na concepção de ambos, a força do coletivo serviria de sustentáculo para a tarefa educativa. Neste sentido, o trabalho, diretamente vinculado à educação e o ensino, era o caminho para o estabelecimento de relações entre os educan-

dos, pois proporcionava a troca de informações e de experiências, além de instigar a tomadas de decisões em grupo. Em outras palavras, o trabalho educava para a responsabilidade diante do coletivo.

Apesar de trabalharem com realidades distintas, Pistrak e Makarenko, trabalharam com base no princípio de que a atividade pedagógica precisa estar centrada na tarefa produtiva. Na Escola do Trabalho de Pistrak, era destaca a importância da aprendizagem infantil e juvenil da produção de objetos materiais úteis ou da prestação de serviços necessários à comunidade. Nas colônias em que atuou Makarenko, o trabalho produtivo sempre esteve presente no processo de formação dos colonistas. O sentimento de honra, aliado ao de pontualidade e empenho pessoal para com o sucesso coletivo, foi tomando parte importante no sistema pedagógico. Na formação do homem novo, um sujeito autônomo e cheio de iniciativa era indispensável e estabelecimento de relações de produção úteis.

Paralelamente, os dois educadores procuraram educar cada indivíduo de modo que aprendesse a comandar e a ser comandado, conforme a necessidade do momento. Pistrak afirma diretamente que um dos objetivos de sua pedagogia é dirigir o coletivo das crianças de forma que cada membro possa administrar, quando seja necessário, e também obedecer e ficar nas fileiras quando seja preciso (Pistrak, 1924/2000, p. 205). Já Makarenko desenvolveu uma pedagogia de comandantes, dividindo seus educandos em destacamentos nos quais todos aprendiam a comandar e a serem comandados.

A auto-organização também se configurou como elemento necessário nas duas pedagogias. Isso porque Makarenko e Pistrak tornaram empírica uma educação democrática e participativa, na qual os próprios educandos deveriam identificar, quando necessário, os problemas e a partir de uma gestão participativa procurar a melhor solução. Por auto-organização, Pistrak entendia a constituição de coletivos infantis ou juvenis a partir da necessidade de realizar determinadas ações práticas. Ou seja, a auto-organização das crianças deveria ser encarada com seriedade e comprometimento e influenciar diretamente na organização escolar. Makarenko, também considerava que a auto-organização era essencial tanto para a prática cotidiana das tarefas produtivas, quanto para a tomada de decisões referentes ao coletivo. Os dois educadores acreditavam que o incentivo a esta postura política e crítica contribuiria enfaticamente na formação de sujeitos engajados e ativos dentro da nova sociedade que se formava.

Estes pedagogos também consideraram fundamental a participação do Estado, na construção da escola permitindo assim a apreensão de determinadas realidades por parte de toda a sociedade, entendendo que o Estado não pode se preocupar

apenas com a formação da elite, que administra a sociedade em determinados momentos históricos.

Makarenko e Pistrak enfatizam ainda, a importância da fiscalização e do controle do tempo para o bom funcionamento, tanto do aparelho escolar como das oficinas em que se ensinam as técnicas do trabalho ou os locais em que se dão aulas de educação física. Estas determinações fizeram com que se projetassem escolas pensadas para a formação integral do homem.

Em síntese, nesta busca pela formação do homem novo, livre, eticamente comprometido com o coletivo e com a sociedade como um todo, Pistrak e Makarenko procuraram integrar diferentes formas de trabalho ao processo educativo. Por compreenderem que a educação deve contemplar o ensino, mas não bastar-se por ele, procuraram proporcionar aos alunos as condições de se tornarem sujeitos criativos, capazes de superar as diversas situações da vida, transformando, em favor do coletivo, as condições dos seus contextos. Comum entre estes autores é a busca por uma escola formadora da sociedade, composta por sujeitos que almejavam a concretização de uma nova realidade, igualitária, livre e fraterna e, que através de seus trabalhos buscaram reforçar os sistemas de escolas, determinando o tipo de educação que tem que ser dado nestes estabelecimentos.

Considerações finais

Por tudo que foi exposto, podemos afirmar que a pedagogia social do trabalho de Makarenko e Pistrak funcionava principalmente nos princípios da coletividade, auto-organização e do trabalho produtivo, estabelecendo práticas educativas em espaços democráticos, coletivos, e buscando a preparação do novo homem para a vida numa outra sociedade, exercendo assim, uma verdadeira “Educação do trabalho”. Entre os fatores que instigaram a criação e a prática das duas pedagogias, podemos destacar o contexto concomitante ao período de ascensão das massas na Revolução Russa, que exigia a formação de homens vinculados ao presente, mais preocupados em criar o futuro do que em cultuar o passado, e cuja busca do bem comum superasse o individualismo.

A experiência dos dois pedagogos em questão possibilita aos educadores de hoje, comprometidos com a condição humana histórica, bem como, aos pais e a sociedade como um todo, pensar a educação para além da sala de aula, mas também para a vida e para a complexidade do mundo. É necessário refletir acerca de qual é o modelo de escolas que temos hoje, uma escola emancipatória, baseada no

bem do coletivo, ou uma instituição que serve de instrumento para reafirmar as diferenças de classe? Será que as diversas teorias educacionais, estudadas nas universidades, são utilizadas como base na criatividade cotidiana da pedagogia de nossos professores? Se não, por quê?

É indispensável analisar quais são os fins da educação que temos. Tal olhar se justifica, sobretudo quando fazemos uma visita à história da educação ou quando andamos por algumas pequenas cidades latino-americanas e percebemos a falta de uma escola bem organizada e estruturada, comprometendo assim o alcance que a educação poderia ter para os membros dessas cidades.

Neste sentido, com a constatação de que a escola é também um meio de difusão de ideias, chamada também de parede ideológica preponderante na nossa sociedade atual, percebemos a necessidade de se discutir sobre escola. Como observamos, estes pedagogos elucidam que a formação humana não está descolada do real, por isto, suas principais obras discutem a escola e o trabalho e a estreita relação existente entre estes elementos, dado que a escola deve ser compreendida como a base da educação de uma sociedade e, conseqüentemente, para a formação tanto do trabalhador quanto dos governantes.

Cumpramos destacar que neste artigo, em um primeiro momento discorreremos sobre a constituição da pedagogia de Makarenko e seus principais aspectos. Começamos ressaltando suas principais influências: Marx, Lênin e Maksim Gorki, e, logo após, apresentamos a aversão deste pedagogo sobre a pedagogia tradicional.

Também ressaltamos a importância atribuída por Makarenko à práxis na elaboração de suas asserções, bem como seus princípios centrais: o coletivo do trabalho e o trabalho produtivo.

Aspectos, como a maneira de encarar a brincadeira durante a infância e o valor da disciplina na formação dos sujeitos e enquanto resultado do processo educativo, também foram abordados.

Sobre a pedagogia de Pistrak desenvolvida em ambientes formais de educação, salientamos, em um primeiro momento a forte influência teórica da pedagoga Nadezhda Krupskaya. Em seguida, destacamos que o educador considerava que a escola era um instrumento nas mãos da classe dominante, que almejava a continuação deste panorama. Paralelamente, enfatizamos seu intuito de formar cidadãos comprometidos com o coletivo, a partir da educação, bem como, sua organização de uma didática que extrapolava a sala de aulas e transformava toda a escola em espaço educativo.

Ademais, lembramos que, na Escola do Trabalho de Pistrak, as crianças eram responsáveis por atividades úteis que iam da manutenção da higiene e limpeza escolar à gestão participativa da instituição, por meio de assembléias dos estudantes e de sua auto-organização.

Por fim, podemos salientar que o estudo da prática destes dois pedagogos revolucionários permite a abordagem de diversos elementos que não se esgotam neste trabalho pela complexidade e riqueza de sua história. Contudo, através da abordagem realizada esperamos incitar novos olhares sobre a pedagogia social do trabalho, que muito tem a oferecer ao pesquisador que se dispõe a analisá-la.

Referências bibliográficas

- Caldart, R. S. (2000). Apresentação. In M. M. Pistrak. *Fundamentos da Escola do Trabalho*. São Paulo: Ed. Expressão Popular.
- Cellard, A. (2008). A análise documental. In J. Poupart (Org.), *A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos* (pp. 295-316). Petrópolis: Vozes.
- Cambi, F. (1999). *História da Pedagogia*. São Paulo: UNESP.
- Lima, C. S. (2007). Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. *Revista Katál*, 10 (nº esp.), 37-45.
- Luedemann, C. S. (2002). *Anton Makarenko, vida e obra: a pedagogia na revolução*. São Paulo: Expressão Popular.
- Makarenko, A. S. (1977). *La colectividad y la educacion de la personalidad*. (V. Kumarin Trad.). Moscú: Editora Progreso. (Obra original publicada em 1937).
- Makarenko, A. S. (1986). *Poema pedagógico* (vol. I, II, III). São Paulo: Edições Brasiliense. (Obra original publicada em 1931).
- Marx, K. (1983). *O capital: crítica da economia política*. (R. Barbosa & F. R. Kothe Trad.). São Paulo: Abril Cultural. (Obra original publicada em 1867).
- Palacios, J. (1989). *La cuestión escolar - Críticas y alternativas*. Barcelona: Laia.
- Pavão, R, Queirós, M., & Souza, L. (2012). Aspectos históricos e filosóficos da educação socialista de Anton Makarenko: novos paradigmas para o homem soviético. *Anais do VIII Seminário do trabalho: trabalho, educação e políticas sociais no século XXI*. São Paulo, SP, Brasil. Consultado em <http://www.ronaldofruutozo.com.br/seminariotrabalho2012/gt5.html>.
- Pistrak, M. M. (2000). *Fundamentos da Escola do Trabalho*. (D. A. Reis, Trad.). São Paulo: Expressão Popular. (Obra original publicada em 1924).
- Rodriguez, M. V. (2002). *Para uma releitura do "mestre" Makarenko: Notas de uma pedagogia concreta*. São Paulo: Brasiliense.
- Tragtenberg, M. (1981). Pistrak: uma pedagogia socialista. In M. M. Pistrak. *Fundamentos da Escola do Trabalho*. São Paulo: Brasiliense.

Makarenko and Pistrak: An Analysis of Social Pedagogy of Work

Abstract

This paper aims to analyze some similar aspects of social pedagogy, focused on education for work, of Anton Makarenko, and Moisey Semionovitch Mikhaylovich Pistrak. The first one acted at Gorky Colony in Kharkov and Poltava (Ukraine), and the second one at Lepechinski School in Moscow (Russia). In this sense, we present the following questions guiding this work: how was the education for work of each of these educators? What factors encouraged these pedagogical perspectives? What reflections such experiences allow us to have? These are the elements that will be examined in this article. The means chosen to approach these questions were the bibliographical research, as well as the content analysis.

Key-words: Social pedagogy of labor; Makarenko; Pistrak.

Makarenko et Pistrak: Une Analyse de Pédagogie du Travail

Résumé

Cet article vise à examiner certains aspects similaires de pédagogie sociale, centré sur l'éducation du travail, de Anton Makarenko et Moisey Semionovitch Mikhaylovich Pistrak, le premier opérant à la colonie Gorki à Kharkov et Poltava (Ukraine) et le second à l'école Lepechinski, à Moscou (Russie). En conséquence, nous présentons les questions qui ont servi de base à ce travail: comment était l'éducation du travail de chacun de ces éducateurs? Quels sont les facteurs qui ont incité ces pédagogies? Quelles réflexions nous permettent de telles expériences? Ce sont ces éléments qui seront observés lors de cette étude. La recherche bibliographique et l'analyse de contenu ont été les méthodes utilisées.

Mots-clés: Pédagogie du travail; Makarenko; Pistrak.